

## Parte 2 - No CachoeiraDoc O encontro com Makota Valdina

André Brasil  
César Guimarães

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

BRASIL, A., and GUIMARÃES, C. O encontro com Makota Valdina. In: CESAR, A., MARQUES, A. R., PIMENTA, F., COSTA, L., eds. *Desaguar em cinema: documentário, memória e ação com o CachoeiraDoc* [online]. Salvador: EDUFBA, 2020, pp. 99-104. ISBN: 978-65-5630-192-1.  
<https://doi.org/10.7476/9786556301921.0006>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

# O encontro com Makota Valdina

*André Brasil*

*César Guimarães*

Um encontro, sabemos bem, pode ganhar múltiplas formas: da onda do mar que explode sobre a pedra, com sua insistência e variação incessante, à folha que resvala a pele, a chamar atenção para sua discreta presença; do vento, que vira o invisível em visível, transmitindo a tudo em torno o movimento de sua passagem, aos pássaros, que chegam e cantam junto com o toque dos atabaques e o pio do caboclo na mata. O encontro pode ser tantos quanto múltipla é a imanência do mundo: avesso à abstração, ele repercute, toca, respinga, desdobra-se para além dele mesmo: repetição, insistência; mas também diferença, abertura de caminhos.

Dizemos isso para ressaltar a intensidade e a extensão do encontro que tivemos – nós professores e pesquisadores da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), dedicados às imagens e ao cinema – com a professora, liderança espiritual e política do terreiro Nzó Onimboya (Salvador, Bahia), Valdina Oliveira Pinto, ou Makota Valdina. Esse encontro teve início no VI Colóquio Cinema, Estética e Política, realizado junto ao VIII CachoeiraDoc, em 2017, na cidade de Cachoeira, no Recôncavo Baiano, quando Makota Valdina participou da mesa “Os terreiros, as imagens”, junto a outras mestras e mestres, sob a mediação de César Guimarães: Cássia Cristina (Makota Kidoiale, do Quilombo Manzo Ngunzo Kaiango), Mãe Marí (Ilê Axé Pakolè), Tatá Marcelino (Zogodô Malé Daho Taby/Fundação Casa Paulo Dias Adorno), Pai Idelson (Ilê Axé Ogunja) e Pai Ricardo (Casa de Caridade Pai Jacob do Oriente). Depois, o encontro desdobrou-se em outras iniciativas: a vinda de Makota Valdina a Belo Horizonte, em novembro de 2018, para ministrar um dos módulos da disciplina Políticas da Terra, parte do Programa de Formação Transversal em Saberes Tradicionais da UFMG; a fala na abertura do Forumdoc.bh: Festival do Filme Etnográfico e Documentário de Belo Horizonte, nesse mesmo período; e, por fim, logo após sua passagem, em

março de 2019, ela esteve presente entre nós, quando demos prosseguimento a uma ideia sua, com a realização da disciplina “Chamando o mato de volta”,<sup>1</sup> também na UFMG. Alice Pinto e Junior Pakapyn, ambos do Nzó Onimboya, participaram da abertura do semestre e conduziram uma bela homenagem a Makota, diante da árvore que ela tanto reverencia – a Pindaíba, ou quebra-feitiço, cujo nome popular liga-se à *dijina* de Valdina – Zimewanga – que significa “tirar o sofrimento”, “desfazer o feitiço que se abate sobre alguém”.

Como professora e liderança na Bahia, Makota Valdina levou adiante essa tarefa de tirar o sofrimento, especialmente daqueles que precisam lidar cotidianamente com o racismo, com o desrespeito, com a intolerância religiosa, resistindo para manter suas práticas ancestrais. Ela nasceu no local hoje chamado Engenho Velho da Federação, na casa da antiga Ladeira do Forno, na qual, perto da Fonte, se situava o candomblé de seu Zé Boiadeiro. A mãe de Valdina era quem costurava a roupa do caboclo dele, Boiadeiro. Nessa casa de taipa ela ouviu pela primeira vez as palavras cantadas em língua africana (já tocada pelos inuíques). Foi nessa ladeira que ela cresceu, na vizinhança do mato, brincando com as folhas e ervas do quintal, ao lado de outras crianças, cuidadas pelos vizinhos e parentes: “era mesmo uma comunidade” – ela anotou em suas memórias – “com um outro jeito de nascer, de crescer, de viver, de educar crianças e jovens, de realizar coisas coletivamente, de se entrejudar do nascer ao morrer”. (PINTO, 2015, p. 28) Essas experiências de vida compartilhada – nas festas de família, nos cortejos e carnavais, nos mutirões, no trabalho com as sociedades de bairro, na solidariedade cotidiana que firma os laços entre o povo negro – guiarão a trajetória de Valdina, desde seus anos de magistério (na escola pública e nos cursos de alfabetização para mulheres) até sua atuação como liderança política e religiosa.

---

1 A disciplina “Chamando o mato de volta” foi oferecida a alunos da graduação da UFMG, no primeiro semestre de 2019, ministrada por Pedrina de Lourdes Santos (Reinado de Nossa Senhora do Rosário, Oliveira) e Pai Ricardo de Moura (Casa de Caridade Pai Jacob do Oriente, BH), tendo como professores parceiros Maria Auxiliadora Drumond (Instituto de Ciências Biológicas), Wagner Leite Viana (Escola de Belas Artes) e César Guimarães. Em seu início, o curso contou com a participação de Alice Pinto e Junior Pakapyn (Nzó Onimboya, Salvador, Bahia), sobrinhos de Makota Valdina. Como resume a ementa, “a partir dos saberes dos povos de terreiro na sua relação com as plantas e com o meio ambiente, em diálogo com pesquisadores da botânica, da etnoecologia e das artes visuais, o curso pretende – numa etapa inicial – reconhecer e identificar as espécies da mata da Estação Ecológica da UFMG para, em seguida, criar um jardim de folhas de santo e promover a disseminação de mudas entre as comunidades de terreiro de Belo Horizonte e arredores.”

Makota Valdina é senhora das passagens, cuida com sabedoria do trânsito e dos intercâmbios entre mundos diferentes: a escola, a política, o sagrado; a periferia e o centro; o natural e o sobrenatural. O modo como essas passagens se fazem na prática e se definem no discurso de Valdina talvez seja aquele do alinhavo, de uma costura cotidiana.<sup>2</sup> Elas acontecem na lida corriqueira, mas exigem cuidado, já que cada domínio possui sua própria pragmática, abriga formas e relações específicas. Se a costura é possível, é porque, em seus estratos mais profundos, esses domínios (ou mundos) diferentes constituem-se de um mesmo substrato: energia geradora das energias (*kalunga*, para os Bakóngo, de Angola), força que transita de um a outro corpo, de um gesto a outro, do visível ao invisível. É assim que a *mpémba* (ou *pemba*) como nos conta Makota Valdina (PINTO, 2015), é o mineral retirado do leito dos rios ou do interior do solo, o pó que nos liga ao mundo espiritual e o giz com o qual se escreve no quadro da escola. O alinhavo que aproxima domínios diferentes – a natureza, o sagrado, o político-pedagógico – é cotidiano, ele permite passar de um a outro como se percorrem os espaços da casa (da cozinha ao quarto, da sala ao quintal, do quintal à cozinha, e desta à vizinhança). Mas se aquilo que nos parece corriqueiro, cotidiano e contíguo exige cuidado, é porque se transita do natural ao sobrenatural, do mundo que habitamos àquele habitado pelos ancestrais. “Nós estamos aqui, cada um está vendo as caras diferentes, paredes e janelas, cadeiras... É só isso? Será que somente nós estamos aqui? Vocês podem até não acreditar, mas tem mais gente além de nós aqui, nos ouvindo, nos olhando, tem energias aqui, conosco, interagindo.” (PINTO, 2015, p. 159) Essas interações, nos ensina Valdina, não ocorrem em um mundo transcendente – aquele que se projeta após a morte – mas nesse mundo, nesse plano, e o Candomblé seria, assim, em sua definição mais simples e mais profunda, esse cuidado com as passagens e as interações.

A consciência de que “não estamos sozinhos no mundo”, como diz um conhecido ditado iorubá, faz dos terreiros de axé um espaço de constante exercício de hospitalidade, esta que exige construção ativa. Como escreveu César Guimarães (2019, p. 24), a prática cotidiana de acolhimento do outro merece nos

---

2 Em prefácio ao livro de Valdina Pinto, Jaime Sodré se lembra do elogio de Nair de Carvalho a Makota e sua mãe: “Gosto muito do trabalho que vem dessas tapeceiras pelo arremate e acabamento. Veja o avesso, está perfeito.” E depois recorre a uma fala da própria Valdina: “Hoje, registrando esse lembrança da minha memória vejo que valeu a pena tantas vezes que minha mãe me fez desmanchar o ponto-de-cruz para fazer o arremate correto”. (SODRÉ, 2015, p. 11)

terreiros todo cuidado e atenção, “assim como se faz com a ‘comida de santo’”. Contudo, historicamente, quando o cinema adentra os terreiros, não raro, a atitude “é a de um visitante cuja curiosidade converte-se facilmente em um olhar intrusivo ou até respeitoso, mas superficial”. (GUIMARÃES, 2019, p. 24) Daí o apelo de Makota Valdina: “quer ajudar o Candomblé? Se aproxime das comunidades de terreiro: vá ver o dia a dia, o jeito como as pessoas lidam na comunidade com as outras pessoas”. (VALDINA, 2020, p. 106)

O que sustenta esse apelo é, mais profundamente, uma *ética* da imagem – e também uma *estética* – que difere e pode alterar, por dentro, o modo como o cinema (mais especificamente o cinema documentário) concebe a imagem. Se, por um lado, a modernidade ocidental toma hegemonicamente a imagem como espaço de separação – entre nós e eles, entre sujeito e objeto, representação e mundo representado –, para Makota Valdina, outras e outros intelectuais ligados às religiões afro-brasileiras, ela é antes *agência e relação*. Assim como os seres e entidades invisíveis coabitam, participam e agem em nosso cotidiano (este que se constitui pelos trânsitos e intercâmbios), o mesmo pode ser dito das imagens. Elas agem, interagem e participam das passagens entre mundos: por isso são lugar de cuidado; cuidam e demandam cuidado.

Fazer uma imagem, montá-la, colocá-la em circulação, diríamos ainda nesse sentido, é operar com sua incidência em vários domínios. Afinal, ela atua no *domínio do sensível*, seja quando participa e intervém na cena filmada, seja quando afeta sensivelmente o corpo do espectador; e atua no *domínio do imaginário* (domínio portanto político), seja para reduzi-lo ou asfixiá-lo, seja para alargá-lo ou torná-lo mais vivo e habitável; seja para reforçar estigmas, seja para desfazê-los. Ela atua no *domínio do sobrenatural*, ainda que se pense estar lidando apenas com uma dimensão física, visível.

Ainda que não se queira, essa presença das imagens entre corpos e rituais nunca se dá de modo autônomo, absolutamente soberano, mas relacional: prática entre práticas, artefato entre outros. Com alguma liberdade, poderíamos usar a imagem de Makota Valdina, em um breve comentário sobre um canto (no retrato que dela fizemos em sua vinda à UFMG):<sup>3</sup> “*Singe, singe. Balanda ki kumbaka ko*: sigamos juntos, engatados, entrelaçados uns aos outros, não cairemos.

---

3 O videorretrato está no site do Programa de Formação Transversal em Saberes Tradicionais da UFMG: <http://www.saberestradicionais.org/retrato-da-mestra-makota-valdina>.

*Iembe, iembe*: calma, calma, vamos na calma.” Se a imagem é lugar de imaginação, de especulação de mundos e de produção de afetos, por isso mesmo ela não está fora, mas participa e intervém no mundo, onde imaginação, especulação e afetos circulam. Ela segue atada, entrelaçada àquilo que filma e àqueles que a veem. *Iembê, iembê*, portanto.

Em suas recentes aulas na UFMG, pai Ricardo de Moura insistiu que, ao chamar o mato de volta, é preciso saber o que se está chamando. Realizado na Estação Ecológica da universidade, o curso “Chamando o mato de volta” consistiu em um conjunto de pequenas incursões na mata que ressurgiu há pouco mais de setenta anos, regenerada, sobrevivente das seguidas devastações a que foi submetida: desde o tempo das antigas fazendas existentes na região até a construção da universidade, quando a área verde sofreu sucessivas queimadas, ficando abandonada e até mesmo entregue ao acúmulo dos entulhos originados das edificações. Pai Ricardo ressaltou que não era nada simples convocar o poder curativo das centenas de espécies ali existentes, utilizadas para fins medicinais e ritualísticos nos terreiros de umbanda e candomblé. Ao chamar o mato de volta – de volta para perto de nós, que o expulsamos –, vem com ele a memória do sofrimento e da violência do passado, com seus vestígios e restos que alcançam o nosso presente: a exploração do trabalho da população negra (“nosso povo passou por aqui”, afirmou Pai Ricardo) e das crianças e jovens “retirados das ruas”, internados no orfanato Lar dos Meninos Dom Orione – que ali funcionava –, empregados na olaria para fabricar tijolos e telhas utilizados nas ricas casas da região da Pampulha; no sangue dos animais mortos e devorados; nas queimadas que assolaram as árvores e as plantas. Por essa razão, logo no início do curso, numa homenagem a Makota Valdina – com quem sonhara a realização desse curso – pai Ricardo fez um ritual dedicado aos Erês, no interior da olaria. Surpreendentemente, sem que fosse planejado, uma das crianças presentes surgiu distribuindo balas aos que ali estavam. Um encontro se tramava aos poucos naquela ensolarada manhã de sábado, e Makota Valdina, certamente, era quem o propiciara.

Afinal, se em suas formulações sobre o cinema André Bazin nos sugeria que a realidade não tem costura, poderíamos complementar essa bela imagem com outra, vinda dos terreiros de axé: a natureza (como realidade construída) é sim costurada (ainda que, muitas vezes, essa costura nos seja invisível, imperceptível): ela é formada por linhas que ligam os planos físico e sagrado, linhas que

entrelaçam o atual e o ancestral, tornando-os contemporâneos. Quando, por meio de uma pesquisa científica, de um desenho de observação, ou de um ponto de umbanda, “chama-se o mato de volta”, junto ao que é físico e visível, toda uma multiplicidade invisível é ativada, escuta e atende também ao chamado. Ao filmar algo – o espaço de um terreiro, os cômodos da casa, a trilha por dentro da mata – é preciso saber o que se está filmando: saber, ao menos, que esse saber pouco sabe: que vem de longe a folha que discretamente resvala a pele, o que faz do encontro, a um só tempo, encanto e história.

### **Referências**

GUIMARÃES, César. Filmar os terreiros, ontem e hoje. *Perspectivas em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, v. 24, p. 23-36, jan./mar. 2019.

PINTO, Valdina. *Meu caminhar, meu viver*. Salvador: Sepromi, 2015.

SODRÉ, Jaime. Prefácio. In: PINTO, Valdina. *Meu caminhar, meu viver*. Salvador: Sepromi, 2015. p. 10-11.

VALDINA, Makota. Os terreiros e as imagens. In: CESAR, Amaranta; MARQUES, Ana Rosa; PIMENTA, Fernanda; COSTA, Leonardo (org.). *Desaguar em cinema: Documentário, memória e ação com o CachoeiraDoc*. Salvador: Edufba, 2020. p. 106.